

RESENHA

Entre o destino e o desejo:

O AMOR COMO ENIGMA EM “A CARTOMANTE” E EM “LUAMANDA”

Natyelle Lorranna Maciel Soares da Silva

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

natyelle.soares@ufpe.br

“Eu sou amor, eu sou, eu sou amor/ Da cabeça aos pés/ Eu sou, eu sou, eu sou amor/ Da cabeça aos pés”, canta Gal Costa na música *De um rolê*, em versos que ressoam como confissão e resistência. É desse amor múltiplo, intenso e voraz que se nutrem os contos “A Cartomante”, de Machado de Assis ([1884], 2008), e “Luamanda”, de Conceição Evaristo, no livro *Olhos D’água* (2014). Em diferentes séculos, ambos os autores convergem em uma reflexão atemporal sobre o amor como força que conduz, consome e, sobretudo, revela as zonas obscuras da experiência humana. Desde tempos antes deles ainda, nas cantigas de amor ou nas de amigo, por exemplo, embora os tipos de amor tenham sido modificados, como os gestos de cotejo ou as aproximações e mesmo as referências ao objeto amado, suas concretizações etc., o que permanece nessa paixão ou estado de alma é a permanência de um querer ser conjunto do sujeito com o objeto-valor que o amor representa, além de ele, o amor, “caracteriza[r]-se como sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem ou de alguma coisa.” (Barros, 1989-1990, p. 63).

Machado de Assis (1839–1908), conforme seus críticos mais renomados, sempre se destaca por sua escrita autêntica, e “A Cartomante” não o diferencia desse aspecto: o autor salienta esse traço inerente à sua vasta produção, enaltecida, no conto, por uma forte habilidade de revelar contradições morais, explorar subjetividades e tensionar elementos do fantástico e do cotidiano. No conto, o amor se apresenta como um impulso voraz, atravessado pelo desejo ardente, mesmo que acompanhado pelo medo e pela ilusão. Vilela, Rita e Camilo vivem um triângulo amoroso que se sustenta na tensão entre o desejo/cobiça e a culpa. A consulta à cartomante, elemento que dá título ao conto, é menos um artifício de enredo e mais um espelho da fragilidade humana diante do destino, uma tentativa desesperada de domesticar o incerto. O amor, nesse contexto, não é salvação, mas armadilha: uma paixão que conduz à tragédia e desvela o abismo entre fé e razão, desejo e destruição.

Os termos citados, “destino” e “tragédia”, por si só, já remetem a intertextualidades com o universo mítico e narrativo dos gregos, a quem o destino guiava a predestinação de todos os seres vivos. Assim, no conto, Camilo “acidentalmente” para diante da casa da cartomante, e mesmo não acreditando “nessas coisas”, resolve fazer uma consulta, porque acreditou no destino que ela leu nas cartas — mesmo não sendo o seu propriamente. Sai de lá tranquilo, e a figura da mulher, tal qual no mundo grego, marca apenas a presença da intermediação entre ele e o seu próprio destino. Embora tenha modificado seu universo de (des)crença, isso em nada modificou o que a ele teria sido destinado: “Hamlet observa a Horácio que há mais causas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia” (Assis, 2008, p. 2).

Por outro lado, em “Luamanda”, Conceição Evaristo (1946–) reinscreve o amor em outra chave, interrogando o leitor não como ilusão trágica, mas como experiência que se debate entre o sonho e a ferida, culminado no autorreconhecimento e na liberdade do ser. Naturaliza a busca de uma mulher — Mulher — pela paixão da alma e pela paixão



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL7450-AVUL

Recebido

15 de dezembro de 2025

Aprovado

22 de dezembro de 2025

Edição

Lury Morais

Revisão

Lury Morais

do corpo, nem sempre coincidentes, nem por isso inaceitáveis. A oposição, aqui, é evidente: de um lado, Platão; de outro, Aristóteles. A protagonista, Luamanda, moldada pela linguagem poética da autora, interroga-se sobre o que é amar em diferentes fases da sua existência, metaforizadas por diferentes fases da Lua. Assim, a personagem age quebrando tabus sobre seu próprio corpo feminino, indo, surpreendentemente, contra aquela ideia de destino pré-fixado pelos ditames e coerções de uma sociedade sexista e machista.

Se em Machado o amor é *devastação*, em Evaristo ele é *sobrevivência*. “Luamanda” busca amar-se para existir, busca a conjunção com o outro em relações anímicas ou carnavais — durante várias épocas da sua vida e, nesse gesto, para ela, vital e contínuo; confronta-se com o peso de ausências e urgências, com a fome de afeto e com a memória de ser quem ela que é. Se no primeiro caso, as personagens vivem sob repetição de padrões sociais — práticas reconhecidamente familiares em nossa cultura que ocidental que, por exemplo, “sabe, mas esconde” o triângulo amoroso; neste segundo caso, a personagem instaura um outro modo de ser e estar no mundo, considerando o destaque dado ao gênero acima, isto é, por ser uma mulher — movimento existencial que gera projeção e identificação do leitor com a história.

Uma questão teórica pertinente para compreender a importância do “Luamanda” nos compêndios da literatura brasileira, para além das questões em torno do uso das palavras (neologismos, coloquialidade, figuras de linguagem, dentre outras), reside no conceito de “desfamiliarização” (Molina, 2019). Para os formalistas russos (1910–1930), a desfamiliarização seria um modo de apresentar os fatos cotidianos de uma maneira não usual, comum, aportando ao leitor um outro modo de ele perceber e mesmo sentir as banalidades do cotidiano pelo viés do texto da literatura. Assim, a proposta dos formalistas enaltece a criatividade de combinações de termos enunciados que vão muito além dos chavões por vezes redundantes utilizados ainda no fim do século XIX (“donzela virgem”, por exemplo), enfatizando a corporeidade de sujeitos que sentem “na carne”, mais do que no espírito; o amor como tema ultrapassa as barreiras do amor romântico, sendo, portanto, físico — ou aristotélico, como já nos referimos —, figurativizado por elementos sensoriais e sensíveis que rompem com a idealização cultural das relações. O narrador de Conceição trata dessa maneira o amor de Luamanda, mas também a sua maneira de se colocar diante do mundo que a cerca e com o qual interage por meio de suas relações intersubjetivas.

Nos dois contos, lidos concomitantemente ou não, o leitor acaba encarando o sentimento amoroso por ângulos desconcertantes: o primeiro revela a ironia cruel de um amor que mata; o segundo, a urgência vital de um amor corpóreo-carnal que resiste e, assim, constitui um importante traço identitário de quem o experiencializa. Atualmente, essas narrativas continuam necessárias porque expõem as permanências do humano. A dúvida de Camilo diante da cartomante é a mesma insegurança de quem, hoje, busca respostas em algoritmos e previsões digitais — e outrora no zodíaco. A solidão de Luamanda ecoa a das mulheres que ainda precisam reconstruir-se em meio a ausências e apagamentos, mas abre um mundo de potencialidades e inspirações a outras mulheres para o enfrentamento do si, para o si e com o si. Ambos os textos, portanto, reafirmam a importância da literatura para o entendimento do leitor com relação aos seus próprios abismos afetivos.

Os contos se destacam também pela densidade simbólica e pela habilidade técnica dos autores — tanto com a história, mas principalmente com os modos de os narradores as enunciarem. Machado de Assis, com sua ironia refinada e estrutura enxuta, constrói uma tragédia íntima que antecipa o realismo psicológico moderno. Conceição Evaristo, com sua escrita de “escrevivência”, conceito criado pela própria Conceição, que une “escrever” e “vivência”, representa uma escrita que emerge da experiência de vida,

especialmente a do povo negro, valorizando a ancestralidade, a coletividade, o cotidiano, a memória e a condição de ser brasileiro de origem africana; ela transforma, dessa maneira, a vivência em literatura para dar voz a ser dita e ouvida pela própria comunidade, além de promover o reconhecimento e a reflexão sobre essas realidades, com destaque para as subjetividades do feminino que atravessa todos os tempos, todos os lugares, como no caso de Luamanda.

Em tempos de velocidade e superficialidade emocional, “A Cartomante” e “Luamanda” convidam à pausa e à escuta. Ambos afirmam, à sua maneira, que o amor, seja ele loucura, memória ou esperança, continua sendo o mais humano dos enigmas em torno do que vem a ser o destino e o desejo, que podem ser, por fazeres diversos, alterados, modificados, ressignificados — concretamente ou não, não importa, porque é da sua ilusão que se sustenta a continuidade da existência humana.

Dizer “Eu sou amor, eu sou, eu sou amor/ Da cabeça aos pés/ Eu sou, eu sou, eu sou amor/ Da cabeça aos pés” é reivindicar o direito de sentir como nas páginas de Machado e Evaristo. O amor segue sendo pergunta, nunca resposta, porque é na dúvida e não na certeza que ele revela sua força mais humana no ponto de partida para o questionamento contínuo sobre quem somos e o que buscamos no outro.

REFERÊNCIAS

ASSIS, MACHADO de. A cartomante. In: ASSIS, M. **Várias Histórias**. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Paixões e apaixonados. Exame semiótico de alguns percursos. **Cruzeiro Semiótico**. Porto: Associação Port. de Semiótica, 1989-1990.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

EVARISTO. Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

MARTINS, M. M. O afeto em cantigas medievais. In: ALTMAN, C.; IMAGUIRE, L. (Org.). **As línguas do Brasil**: tipos, variedades regionais e modalidades discursivas. São Paulo: USP, 2001. p. 141-152.

MOLINA, David Gomiero. Arte como procedimento, de Viktor Chklóvski. **RUS (São Paulo)**, São Paulo, Brasil, v. 10, n. 14, p. 153-176, 2019. DOI: 10.11606/issn.2317-4765.rus.2019.153989. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rus/article/view/153989>. Acesso em: 13 fev. 2026.

**Natyelle Lorranna Maciel
Soares da Silva**

Estudante do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco – CAA: NDC, autora de *Brotar da poesia: da alma para o papel* (Solte sua Voz, 2022).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8532279190879851>.